

Fotos Luiz Morier



A reserva ambiental possui três rios: o Bonito e das Flores, afluentes do Macaé, uma das principais atrações da região, com águas cristalinas



Segundo pesquisadores, a área tem mais de 20 espécies de beija-flores

Comunidade salva paraíso ecológico

■ Grupo de 40 pessoas protege Macaé de Cima, reserva ambiental da Mata Atlântica, em Friburgo, ameaçada pelos depredadores

CÉLINA CORTES

Um dos últimos resquícios de vegetação primária de Mata Atlântica do estado — a Área de Proteção Ambiental (APA) de Macaé de Cima, em Friburgo, limitada por Cachoeiras de Macacu, Silva Jardim e Casimiro de Abreu — resiste à ação dos caçadores e coletores de palmito graças à Sociedade de Amigos de Macaé de Cima, que fiscaliza e preserva o local.

A área, com cerca de 480 milhões de metros quadrados, tornou-se APA por um decreto da prefeitura de Nova Friburgo, em 1990. Desde então, a prefeitura nada fez pela reserva, a não ser criar no início de 1993 um programa de preservação ambiental, "que este ano vai cuidar das APAs do município", informou a secretária interina de Meio Ambiente, Lúcia Maria Stuckrath.

A exuberante floresta virgem ainda possui jequitibás, canelas e outras madeiras-de-lei, carregadas de bromélias e orquídeas — como a *Laelia crispata*, endêmica da reserva —, que abrigam macacos monocaçadores, prego e barbado, micos, preguiças, pacas, quatis e onças, além de uma grande variedade de pássaros e beija-flores. O pesquisador Augusto Rüschli, encontrou em Macaé de Cima o colibri *Stephanoxis lalandi*, só existente na região.

Água cristalina — A reserva é banhada por três rios de água cristalina: Bonito e das Flores, afluentes do Macaé, onde fica um dos maiores atrativos turísticos da região, a cachoeira do Roncador.

"Desde 1990, o Jardim Botânico e a Fundação Pró-Natura estão fazendo um levantamento florístico no lo-

cal, patrocinado pela Shell, com investimento de US\$ 100 mil. Segundo a bióloga Cláudia Magalhães Vieira, a pesquisa constatou um bom estado de conservação, "embora ainda exista gente tirando bromélias, palmitos e orquídeas para comercializar. A fiscalização é falha, porque a prefeitura não tem recursos", denunciou.

Um antigo grupo de frequentadores formou em 1981 a Sociedade de Amigos de Macaé de Cima, entidade que vem brigando para preservar a APA. Liderados pela presidente, Elizabeth Garlipp, os 40 associados pagam mensalidade de US\$ 15 (os estrangeiros que vivem fora do país contribuem com US\$ 10) para instalar placas de educação ambiental e, entre outras coisas, manter uma funcionária na guarita — reformada pela sociedade — para fiscalizar os 11 milhões de metros quadrados controlados pelo grupo.

Sem apoio — "Há cinco anos tentamos um microônibus para que o pessoal da região possa fazer compras, ir ao médico, ao dentista. Uma empresa se interessou, mas só se a estrada melhorar. Pensamos em fazer um projeto para atrair recursos do exterior, mas não há nenhum tipo de apoio", lamenta Elizabeth.

Horst Garlipp, que chegou em Macaé de Cima em 1949, e hoje mantém na área o Hotel Fazenda São João, chegou a ser ameaçado de morte na sua luta preservacionista: "Se não tivesse água limpa, não poderia criar frutas. O lugar estava indo a pique quando fundaram a Sociedade, que conseguiu conter a ação dos caçadores. Depois disso os animais começaram a voltar. O maior problema ainda é a falta de fiscalização", acredita.



Jenny Booth enfrenta seus fiscalizados com o dedo em riste

A loura desarmada

Ela parece personagem de filme de *bang-bang*. Jenny Patricia Booth, uma loura de 35 anos, sai às 2h da madrugada em sua motocicleta, uma Honda azul — comprada pela Sociedade de Amigos de Macaé e por um patrocinador — pelas estreitas ruas com piso de terra, acompanhada de sua valente pastor belga *Trixie* e da viralata *Spit* (cuspe, em inglês). Jenny não usa armas, mas sua coragem deixa muito *marmanjo* de pernas bambas.

Segundo contou, de janeiro a março é o período dos caçadores de arapongas, que ela enfrenta com o dedo em riste e com o rosnar de suas *assessoras*. De junho a agosto é a vez dos trinca-ferros, e na lua cheia

vem a turma do palmito. "Agora tudo isso está diminuindo. Há três meses veio uma turma apanhar palmito em dois carros e não tive qualquer argumento quando eles me apontaram uma escopeta. Caçadores mesmo eu não enfrento, porque não dá para fazer nada", confessa a fiscal, que já se acostumou com as retaliações de seus fiscalizados: "Não dá para ter nada de valor em casa. Eles arrombam e levam", diz.

Jenny mantém em casa uma placa que sintetiza o espírito de seu trabalho: "Nessa região nada se tira, a não ser fotografias. Nada se mata, a não ser o tempo. Nada se deixa, a não ser pegadas".



O alemão Helmut Seehawer catalogou fotos e desenhos das flores

A pesquisa paciente

■ Alemão estuda 400 orquídeas de espécies diferentes

O verde de Macaé de Cima atrai gente do outro lado do mundo, como o piloto aposentado da Lufthansa, o alemão Helmut Seehawer. Ele se esconde em uma casa avarandada, para onde vem três vezes ao ano, deixando para trás a civilização de sua cidade, vizinha a Frankfurt. Pesquisador dedicado, não há palmo de montanha que Helmut não conheça: "Eu não costumo andar pelas trilhas, mas pela mata", conta.

Desde que chegou, o alemão já catalogou — com fotografias

e ilustrações botânicas que ele mesmo faz, em bico-de-pena e aquarela — 400 diferentes espécies de orquídeas do local, que ele guarda em uma caixa de madeira muito bem-organizada. Às vezes seu filho, que é médico, o acompanha em suas viagens para estudar o comportamento das cobras, aranhas e lagartos da região.

Helmut costuma passear pela floresta duas vezes por semana, o resto do tempo ele dedica à manutenção da casa, que não tem empregada e muito menos luz. Ele mantém garrafinhas de água açucarada penduradas na varanda, para atrair os beija-flores, e lamenta: "Os mais selvagens não chegam até aqui. Para vê-los, só entrando na mata."



A Sociedade de Amigos de Macaé de Cima distribuiu placas de educação ambiental na área de 11 milhões de metros quadrados que controla

ECODICAS

● A partir deste ano, o Projeto Cetáceos estará ampliando suas atividades, com a instalação de sua segunda base em Natal, no Rio Grande do Norte, que será estendida a Fernando de Noronha. O objetivo do projeto é determinar os locais onde ocorre a captura acidental de golfinhos, além de observar o comportamento dos animais e sua interação com o Meio Ambiente. Este projeto foi implantado em 1989, com a base de Atafona, em São João da Barra, no litoral Norte do estado do Rio. Os patrocinadores são a Petrobrás, Ibama, Boticário, Aqualung e prefeitura de São João

da Barra, com apoio da Fundação Brasileira de Conservação da Natureza.
● O Ibama lança até o final do mês o livro *Direito do Meio Ambiente e participação popular*, escrito pelo advogado Armando Ramos de Aguiar e editado com recursos do Banco Mundial. A proposta do autor é fazer do cidadão comum um agente de defesa do direito ao Meio Ambiente ecologicamente equilibrado. Foram impressos 5 mil exemplares, que serão distribuídos a cerca de 3 mil Organizações Não Governamentais ambientalistas, cadastradas pelo Ibama.
● Búzios vai sediar

nos próximos dias 26 e 27 a Gincana Brahma de Reciclagem. Trinta equipes com no máximo oito participantes, percorrerão trilhas, ruas e praias da cidade, usando qualquer tipo de transporte não motorizado, como os próprios pés, bicicleta, barco a remo, windsurf e cavalo. Com o objetivo de despertar a população para a necessidade de preservar o Meio Ambiente, as equipes vão realizar tarefas esportivas, artísticas, culturais e ecológicas. O lixo reciclável recolhido durante a gincana será vendido, com verba revertida para o término da escola da Associação dos Pescadores da Armação de Búzios.